

UTOPIA LITERÁRIA ESPANHOLA: CRONOLOGIA DE UMA FUGA

SPANISH LITERARY UTOPIA: CHRONOLOGY OF AN ESCAPE

Juan Ignacio *JURADO-CENTURIÓN*¹

Resumo: A utopia é um desejo endêmico da humanidade; desde o começo dos tempos o homem tem projetado a sua inquietação por um mundo melhor por meio das artes plásticas, da filosofia, da literatura, etc. sem que por isso esses artistas sejam hoje reconhecidos como mentores do pensamento utópico. A consolidação desse pensamento vai se produzir no Humanismo, principalmente a partir da obra prima de Thomas More. Ela será seguida de uma infinidade de publicações que vão aportando ao tema inovações de acordo com a época em que foram redigidas. Elas conformaram o corpus de um gênero que até hoje não deixa de crescer diversificando-se em novas visões entre distópicas e utópicas que trouxeram novas temáticas como a tecnologia, a psicologia ou as questões meio ambientais. Contudo ao longo da história da literatura, numerosos escritores têm desenhado, têm projetado um mundo melhor sem que por isso sejam autores considerados escritores utópicos. Este trabalho, dentro dos limites da literatura espanhola, pretende aproximar o leitor de alguns desses textos e analisar eles desde a perspectiva do imaginário utópico que de forma implícita todos eles participam. Autores como o monarca Alfonso X, Antônio de Guevara ou José de Espronceda estarão entre os autores revisitados.

Palavras chave: Utopia. Literatura espanhola. Estudos do imaginario.

Resumo: La utopía es un deseo endémico de la humanidad; desde el comienzo de los tiempos el hombre viene proyectando su inquietud por un mundo mejor por medio de las artes plásticas, de la filosofía, de la literatura, etc. sin que por eso esos artistas sean hoy reconocidos como mentores del pensamiento utópico. La consolidación de ese ideario se va a producir en el Humanismo, principalmente a partir de la obra prima de Tomas Moro. Ésta será seguida por una infinidad de publicaciones que irán aportando al tema innovaciones de acuerdo con la época en que fueron redactadas. Ellas conformarán el corpus de un género que hasta hoy no deja de crecer diversificándose en nuevas visiones entre distópicas y utópicas que trajeron nuevas temáticas como la tecnología, la psicología o las cuestiones medio ambientales. Sin embargo, a lo largo de la historia de la literatura, numerosos escritores han diseñado, han proyectado un mundo mejor sin que por eso sean autores considerados escritores utópicos. Este trabajo, dentro de los límites de la literatura española, pretende aproximar al lector a algunos de esos textos y analizarlos desde la perspectiva del imaginario utópico del que de forma implícita todos ellos participan. Autores como el monarca Alfonso X, Antonio de Guevara o José de Espronceda estarán entre los autores revisitados.

Palabras clave: Utopía. Literatura española. Estudios del imaginario.

“[...] He aquí que veréis en mis versos, princesas, reyes, cosas imperiales, visiones de países lejanos o imposibles: ¡qué queréis! Yo detesto mi vida y el tiempo en que me tocó nacer [...]” (RUBÉN DARÍO, 1998, p.4)

A utopia é um desejo endêmico da humanidade; desde o começo dos tempos o homem tem projetado a sua inquietação por um mundo melhor por meio das artes plásticas, da filosofia, da literatura, etc. sem que por isso esses artistas sejam hoje reconhecidos como mentores do

¹ Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba.

pensamento utópico. A consolidação desse ideário vai se produzir no Humanismo, principalmente a partir da obra prima de *Thomas More*. Ela será seguida de uma infinidade de publicações que vão aportando ao tema inovações de acordo com a época em que foram redigidas. Essas obras conformaram o corpus de um gênero que até hoje não deixa de crescer diversificando-se em novas visões, entre distópicas e utópicas, que trazem novos elementos como a tecnologia, a psicologia ou as questões meio ambientais. Contudo, ao longo da história da literatura, numerosos escritores têm desenhando, têm projetado um mundo melhor sem que por isso sejam autores considerados escritores utópicos. Este trabalho, dentro dos limites da literatura espanhola, pretende aproximar o leitor de alguns desses textos e analisa-los desde a perspectiva do imaginário utópico em que de forma implícita todos eles participam. Autores como *Alfonso X o Sábio*, *Antônio de Guevara* ou *José de Espronceda*, entre outros, estarão entre os criadores revisitados.

Numa ocasião um apresentador de televisão perguntou ao escritor Júlio Cortázar durante uma longa entrevista concedida nos anos setenta do século passado e fazendo referência a seu conto “Casa tomada”, se quando escreveu esta pequena narração, na qual conta a história de dois irmãos que pouco a pouco vão sendo expulsos da sua própria casa, cômodo por cômodo até não ter alternativa senão abandonar a moradia e sem que, em momento algum, o leitor adivinhe quem o que termina por expulsar os dois, ele estava pensando em algo concreto. O jornalista queria saber se essas forças invisíveis que despejam os dois protagonistas, na narração, de forma irremediável eram uma referência velada à ditadura do General *Perón* que naqueles anos assolava o seu país de adoção: Argentina.

A resposta apresentada pelo escritor nos ajudará a reforçar o argumento que traz esta reflexão que agora começamos e que, depois de escutar as palavras de Júlio Cortázar, explicaremos:

No, no es absolutamente cierto, sí, y fue para mí una sorpresa enterarme que existía una versión, enterarme de que existía esa versión. Fue la primera vez en que yo descubrí una cosa que es muy bella en el fondo y es la posibilidad de la múltiple lectura de un texto. O sea descubrir que hay lectores que te siguen como escritor, que se interesan por lo que tú haces y que, al mismo tiempo están leyendo tus cuentos o tus novelas desde una perspectiva totalmente diferente de las mías en el momento de escribirlas, que tienen una segunda o tercera interpretación. Mi interpretación de ese cuento te la puedo decir, y ha sido dicho ya en otras entrevistas. Eso es el resultado de una pesadilla. Yo soñé ese cuento, solo que no estaban los hermanos. Había una sola persona que era yo, y me desplazaba... Algo que no se podía identificar me desplazaba poco a poco a lo largo de las habitaciones de una casa hasta echarme a la calle. Es decir, había esa sensación que tienes en las pesadillas que es el espanto total sin que nada se defina. Es simplemente el miedo en estado puro. Algo espantoso va a suceder un segundo después y a veces por suerte te despiertas. Casi siempre te despiertas antes de que eso se produzca. Bueno en este caso era lo mismo: había una cosa espantosa

que avanzaba. Indefinible, se traducía por ruidos, una sensación de amenaza que avanzaba, entonces yo me iba creando barricadas. Cerrando y abriendo puertas hasta que la última puerta era la de la calle. Y en ese momento me desperté, antes de salir a la calle, me acuerdo muy bien e inmediatamente me fui a la máquina de escribir y escribí el cuento de una sentada. O sea que esa es mi lectura del cuento. Ahora, esa interpretación de que quizá yo estaba traduciendo mi reacción como argentino frente a lo que se sucedía en la política no se puede excluir porque es perfectamente posible que yo haya tenido esa sensación que en la pesadilla se tradujo de una manera fantástica, de una manera simbólica. Entonces, a mí me parece válido como posible explicación. No es la mía. (CORTÁZAR. Entrevista do programa de Televisão Espanhola “A fondo” realizada em 1977)

Cortázar, homem de seu tempo e atento aos problemas pelos quais passava a Argentina, seu país de origem apesar de ter nascido na Bruxelas, e de modo inconsciente, como ele mesmo observa, reflete sobre esses fatos e os deixa transparecer na sua obra levando o leitor a sua própria reflexão, a sua posição crítica sobre a instabilidade social provocada seja por uma ditadura, uma guerra ou qualquer outra alteração do bem-estar comum. Assim, o conto citado, *Casa tomada*, projetada, no leitor armado como chamava Borges ao leitor mais crítico, na história dos dois irmãos a crítica velada a um regime militar, que naquele momento sufocava a Argentina, e clama subliminarmente por um mundo melhor, no qual as pessoas não precisem, como lhe aconteceu ao próprio escritor, abandonar seus lares pela incompreensão e a arrogância de um modelo autoritário de governo.

Conforme o dicionário online da Real Academia Espanhola (RAE): a utopia é um plano, uma doutrina ou um sistema otimista que aparece como inexecutável no momento da sua realização. Não podemos deixar de dar razão à tão insigne publicação quando nos paramos a observar o livro que levou a palavra utopia a sua maior projeção. Referimo-nos ao conhecido libelo redigido por Thomas More em 1516 e que quase imediatamente atingiu uma enorme recepção que atravessou o oceano e encontrou nas terras americanas um terreno fértil para a sua consolidação.

Queria eu que alguém aqui ousasse comparar essa justiça dos utopienses ao que se costuma chamar de justiça que prevalece em outras nações. Que eu morra se encontrar nelas o menor traço de justiça e equidade. 1) Que justiça é essa na qual um nobre, um ourives, um usurário, enfim um desses indivíduos que não fazem absolutamente nada, ou cuja atividade não tem nenhuma utilidade real para a comunidade, leva uma vida de luxo e de magnificência?

Enquanto isso, 2) um trabalhador, um carroceiro, um carpinteiro ou um fazendeiro trabalha tanto que até uma besta de carga sucumbiria sob esse esforço. E seu trabalho é tão necessário, que nenhuma nação sobreviveria um ano sem ele. Apesar disso, esses trabalhadores ganham tão pouco e levam uma vida tão miserável que realmente a besta de carga desfruta de uma condição melhor. As bestas não precisam trabalhar cada minuto e sua comida não é muito pior; na verdade, gostam de sua comida. Além disso, as bestas não se preocupam com seu futuro. Os trabalhadores, contudo, além de terem de suar e sofrer sem nenhuma recompensa presente, 3) ainda sofrem as angústias das perspectivas de uma velhice miserável Seus ganhos são insuficientes para as

necessidades presentes e, dessa forma, não há a menor possibilidade de guardar algo para o futuro. (MORE, 2004, p.128 – enumeração nossa).

Na extensão deste pequeno fragmento do livro, o autor apresenta três argumentos que mais parecem ideias proféticas do que propriamente assuntos de um autor do século XVI; uma época em que os direitos do trabalhador eram uma ilusão, uma fantasia inimaginável para as camadas mais baixas da população. Nesses três argumentos, More sintetiza alguns dos grandes problemas da humanidade: a cobiça e o egoísmo que derivam na injustiça social. O autor arremete contra as classes privilegiadas pelo fato de não fazerem nada de produtivo e viver uma vida de luxo e despreocupação com os mais desprotegidos, algo que sem dúvida está muito presente nos dias de hoje nas críticas contra banqueiros, políticos e demais cargos que tem uma alta remuneração e ainda especulam com o capital e o futuro daqueles que, apesar de realizar um grande esforço físico que coloca em risco a sua vida, ainda tem que viver em umas condições insalubres de moradia e não ter a garantia de uns cuidados sanitários, nem no período produtivo da sua vida nem na velhice quando mais precisara desta ajuda médica. Como já observamos, em pouco mais de um parágrafo, More faz referência a alguns dos vindouros grandes logros dos movimentos sociais. Logros que somente se materializarão quatro séculos depois: a segurança social e a aposentadoria.

Depois de observar estas, digamos proféticas, predições e após descartar as qualidades mágicas ou sobrenaturais do pensador humanista, podemos talvez associar o título de visionário ao de Thomas More à sua capacidade de enxergar situações conflitivas que estavam presentes no seu tempo e de antecipar as futuras soluções. Hoje, este livro, é para o mundo ocidental um dos escritos que fazem parte do panteão das mais importantes criações da humanidade. Um escrito redigido num período da nossa história que alguns críticos consideram como um oásis no deserto. Esse período está protagonizado por um movimento intelectual conhecido como Humanismo. Os humanistas legaram ao mundo uma série de obras chave do pensamento moderno que tem chegado até nós como claros exemplos da eterna necessidade do ser humano de renovação, de melhorar as suas condições de vida, mesmo que estas sejam, muitas vezes, produto da fantasia ou de uma quimérica ilusão. Obras como *O Príncipe* de Nicolau Maquiavel (1513), *O encomio da loucura* de Erasmo de Rotterdam (1509) ou *O tratado sobre a dignidade humana* de Pico della Mirándola (1486) nos anteciparam aspectos da sociedade que ganharam importância nos séculos seguintes.

A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta. Talhar a obra literária sobre as próprias formas do que não basta é ser impotente para substituir a vida. (PESSOA, 1982, p. 504)

“A literatura existe porque a vida não basta” dizia o escritor português Fernando Pessoa e nessa insuficiência vital precisamos ter um olhar que possa ir muito além da nossa limitada visão cotidiana. É aí onde aparece a literatura, o escritor revestido de uns dons que lhe permitem enxergar e anunciar de modo pioneiro aquilo que para o resto é impossível de ver.

O autor é um observador da sociedade e da natureza humana. Uma vez que ele descarte o benefício prático, ponha de lado os potenciais obstáculos psicológicos e tenha um claro entendimento de si mesmo, suas observações serão incisivas e meticulosas e, sem que nenhum assunto consista num tabu, ele poderá expor e apresentar de maneira penetrante a verdadeira situação da vida humana. A literatura não se satisfaz em documentar pessoas e eventos reais, e a capacidade do autor de sondar a vida e a natureza humana deriva de suas experiências de vida. Mas ainda mais importante é a capacidade inata do autor tanto de sondar as mais distantes profundezas quanto de usar meios estéticos para relatar linguisticamente as percepções que foram despertadas ao seu redor. (XINGJIAN, O Estado de São Paulo, 2011)

Em outras palavras, o autor é um ser privilegiado, o poeta, que como já foi notado antes, tem a capacidade de ver o mundo um passo à frente dos outros, porém essa sua capacidade não teria efeito se ele não se livrasse das ideologias e demais obstáculos antes de proclamar, por meio da literatura, a sua mensagem. Isto isenta o autor de seus poderes sobrenaturais e o converte somente em um ousado narrador que dribla os empecilhos que poderiam neutralizar a sua mensagem e transmite ao leitor a sua particular visão de mundo, construída dentro de um plano literário que amplifica o interesse do público com a adição de elementos estéticos ou efeitos estilísticos que animam o leitor a deixar-se seduzir pelas palavras de determinado autor.

Assim podemos sintetizar, antes de entrar estritamente no campo literário, que o autor, o literato, na sua capacidade de observar o mundo desprovido dos impedimentos, que tradicionalmente obstaculizam a nossa visão, consegue transmitir uma visão de mundo que, sem ser premonitória ou profética, consegue proclamar por meio da sua criação literária uma mensagem que tem a capacidade de desenhar, numa visão entre a realidade e a ficção, um mundo senão melhor, pelo menos diferente daquele em que tanto eles como os seus contemporâneos vivem.

A utopia, como se verá nos exemplos literários selecionados, está latente no interior de cada um dos textos, porém seus autores nunca foram identificados dentro dos denominados estudos utópicos. Somente, e como já observamos antes, a sua privilegiada visão, afastada de condicionamentos e veladas censuras lhes permitiu imaginar um mundo melhor, uma idealização que permitisse, em diferentes âmbitos, uma sociedade mais justa, menos materialista e mais espiritualista ou mais pacifista e menos belicosa.

Os textos selecionados obedecem a uma ordem cronológica e temos escolhido um autor de cada período da nossa historiografia ocidental. Assim começaremos pela Idade Média e alcançaremos o século XX.

Na baixa Idade Média, com o surgimento de diversas ordens religiosas, nascem muitos ideais como o milenarista ou o messiânico que foram os claros antecedentes das ideias utópicas que se desenvolveram nos séculos seguintes. Essas ideias vão modelando um novo modo de pensar do qual, ao longo deste período, os irmãos menores, principalmente os da ordem de São Francisco, serão os grandes protagonistas.

Como afirma Alique (2014, p.299), poucos anos depois da implantação da ordem na Coroa de Castela, os franciscanos passam a assessorar os diversos monarcas e é assim com o seu particular ideário entre milenarista e messiânico, como já observamos há pouco, passará a influenciar parte dos textos legislativos da Coroa castelhana.

Um exemplo disso que acabamos de observar é possível encontra-lo no Códice das sete partidas de Alfonso X o sábio. Este monarca castelhano, que reinou na península entre os anos 1252 e 1284, quem é reconhecido pelo seu labor cultural, deixou um grande e versátil legado. Uma parte desse legado é o já mencionado Códice das sete partidas, o qual vai ser o nosso primeiro texto a analisar. Um escrito que, sem pretender projetar uma utopia, nas suas páginas, nos aproxima a este ideário na hora de estabelecer as leis e as formas de relacionamento entre o rei e os seus súbditos nas suas terras. No fragmento que faz referência estritamente a relação que deve estabelecer o rei para com o seu povo, nos deixa, conforme o pensamento de Fernando Gómez Redondo (1998, P.557), um exemplo de uma magnífica utopia implícita que preanuncia futuras formas de governo que passarão pelo modelo utópico de Thomas More e alcançam até os dias atuais.

Y otro sí según esta razón dijo que debe el rey hacer en su reino primeramente haciendo bien a cada uno según lo mereciere; y esto es así como el agua que hace todas las cosas crecer; y también que adelante los buenos haciéndoles bien y honra, y corte los malos del reino con la espada de la justicia, y arranque los torticeros echándolos de la tierra porque no hagan daño en ella. Y para esto hacer, debe tener tales oficiales que sepan conocer el derecho y juzgarlo; y otrosí debe tener la caballería presta y los otros hombres de armas para guardar el reino que no reciba daño de los malhechores de dentro ni de los fuera, que son los enemigos; y débeles otrosí dar leyes y fueros muy buenos por donde se guíen y usen a vivir derechamente, y no quieran pasar de más en las cosas. Y sobre todo débeles otrosí dar leyes y fueros muy buenos por donde se guíen y usen a vivir derechamente, y no quieran pasar de más en las cosas. (Alfonso X o Sabio, las siete partidas de Alfonso X el sabio)

Numa época marcada por uma hermética pirâmide social, na qual somente os membros pertencentes a cúpula da mesma tinha seus privilégios garantidos, resulta inaudito pensar que

um monarca, como observa o fragmento supracitado, mostre a sua vontade de fazer o bem a todos segundo merecerem e mande acabar com aqueles que exerçam a corrupção em detrimento do bem comum. A inusitada ordenança que regula a relação entre o rei e seus súbditos nos parece fora de contexto dentro do panorama da Idade Média e por tanto projeta um extravagante ideal utópico que ainda hoje nos parece surpreendente, seja no seio de uma monarquia ou de qualquer outra forma de administração política.

No final da denominada Idade Média, uma nova visão de mundo vai surgir potenciada por diversos fatores; o modo de entender a nossa passagem pela terra mudará paulatinamente e este será provocado pelo surgimento de umas linhas de pensamento que vão corromper o modelo vigente de controle social e vai reconfigurar, durante os próximos séculos, as ideologias que durante séculos tomaram conta da conduta do povo. Conduta que, desde uma perspectiva religiosa e hermética e como observa Bennassar (1985, p.14), teve a Santa Inquisição como uma arma de inestimável ajuda para catequizar e ensinar as orações básicas da fé cristã, mesmo que de modo lento, às massas. Porém, a cultura fechada, como a denominara Lukács (2000, p.25), da Idade Média deu passo a um novo modo de enxergar a nossa existência e não somente no sonho petrarquista do amor celebrado. Na celebração festiva de uma renovada forma de pensar em nosso passo pelo mundo, uma comemoração que pode ser sintetizada por meio do slogan mais conhecido dos humanistas: o *carpe diem*. A locução horaciana se adaptou bem a um espírito que ansiava por novos modos de entender nossa existência terrenal e deixou de lado parcialmente aquele passado que sempre foi melhor, como sentenciava o fronteiriço poeta castelhano Jorge Manrique, e começou a projetar a vida com um ideal mais próximo de um mesurado epicurismo e cada vez mais distante do dogmatizador ideal anterior.

A corrente humanista, com o seu pensamento entre profano e sagrado, deixou um legado impressionante nas obras que tratavam sobre uma grande diversidade de assuntos; obras como as já mencionadas de Nicolau Maquiavel e do neoplatônico Pico della Mirandola. Em terras hispanas foram muitas as obras de caráter humanista que, com o impulso da nova tecnologia da imprensa, ganharam rápida divulgação. Dentre toda a produção bibliográfica espanhola do período temos escolhido uma obra de um dos nossos maiores humanistas: Frei *António de Guevara*.

Guevara, membro da ordem franciscana, passou grande parte da sua vida na corte e serviu pessoalmente o monarca Carlos V como predicador real e conselheiro. Deixou-nos um dos textos mais ricos sobre as excelências da vida no campo frente a vida cidadina, louvando as virtudes tanto humanas como da natureza. Da condição das pessoas e da sua vida interiorana.

O autor projeta um mundo de relações marcadas pela cordialidade, a vida sana numa sorte de oposição com a vida na corte, a vida nos centros urbanos.

Que en el aldea son los días más largos y más claros, y los bastimentos más baratos. Es privilegio de aldea que el que morare en ella tenga harina para cerner, artesa para amasar y horno para cocer, del cual privilegio no se goza en la corte ni en los grandes pueblos, a do de necesidad compran el pan que es duro, o sin sal, o negro o mal iludido, o avinagrado, o mal cocho, o quemado, o ahumado, o reciente, o mojado, o desazonado, o húmedo; por manera que están lastimados del pan que compraron y del dinero que por ello dieron. No es así, por cierto, en el aldea, ado comen el pan de trigo candeal, molido en buen molino, ahechado muy despacio, pasado por tres cedazos, cocido en horno grande, tierno del día antes, amasado con buena agua, blanco como la nieve y fofo como esponja. Los que viven en el aldea y amasan en su casa tienen abundancia de pan para su gente, no lo piden prestado a los vecinos, tienen que dar a los pobres, tienen salvados para los puercos, bollos para los niños, tortas para ofrecer, hogazas para los mozos, ahechaduras para las gallinas, harina para buñuelos y aun hojaldres para los sábados.

Es privilegio del aldea que el que mora en ella pueda hacer más ejercicio y tenga más en que embeber el tiempo, del cual privilegio no se goza en los grandes pueblos, porque allí ha de presumir cada uno de ser muy medido en las palabras, recogido en la persona, honesto en la vida, ejemplar en las obras, apartado de conversaciones, paciente en las injurias y no muy visitador de las plazas; por manera que tanto es más tenido uno en la república cuanto menos sale de casa. ¡Oh!, bienaventurada aldea y bienaventurado el que mora en ella, a do cada uno se puede poner libremente a la ventana, mirar desde el corredor, pasearse por la calle, asentarse a la puerta, pedir silla en la plaza, comer en el portal, andarse por las eras, irse hasta la huerta, beber de bruces en el caño, mirar cómo bailan las mozas, dejarse convidar en las bodas, hacer colación en los mortuorios, ser padrino en los bateos y aun probar el vino de sus vecinos. Todas estas cosas se pueden en el aldea hacer sin que nadie pierda su autoridad ni aventure su gravedad. (GUEVARA, 2006, p.26)

A fé de alguns críticos, o autor utiliza o contraste entre estes dois modos de vida, o rural e o urbano, não com o intuito de louvar o primeiro, senão para aproveitar e criticar o segundo. Não será o primeiro nem o último a fazer este uso da comparação entre as virtudes, a moralidade do ambiente rural e os vícios e a corrupção das cidades. O gênero picaresco, contemporâneo a Guevara, colocará o âmbito das suas criações nas cidades como Sevilha, Salamanca ou Toledo, espaços nos quais o protagonista não só encontra uma variedade de personagens caracterizados pelos seus hábitos pouco honrados, senão que nesse ambiente urbano ele pode passar mais despercebido e anônimo evitando a punição pelos seus habituais delitos. Outros períodos literários, como o Romantismo ou o Realismo decimonônico, também empregaram este tipo de espaços para contrastar entre a moralidade e as boas costumes da vida campestre, ainda que em muitas ocasiões um tanto estereotipada. Homem de seu tempo, Guevara foi testemunha direta de muitos episódios importantes que mudaram, em poucas décadas, o rumo da humanidade. Um desses cruciais momentos históricos foi, sem dúvida, o surgimento no imaginário europeu do imprevisível Novo Mundo e o nosso autor não deixou de observar e refletir sobre o impacto desse fato histórico no velho mundo. Alguns estudos críticos

sobre a obra deste autor e especialmente do seu Vilão do Danúbio observam que quando o autor coloca a um rustico que se enfrenta a corte imperial romana para expor as suas reivindicações, realmente Guevara está fazendo referência às relações entre os aborígenes do Novo Mundo e os conquistadores europeus. Na suplica do rustico, na exposição de seus argumentos pode se vislumbrar um ideal utópico de como deveriam ser as relações entre esses dois mundos que se encontraram oficialmente após a descoberta colombina em 1492.

Regra infalível que aquele que toma do outro o alheio pela força perca o direito que ele tem do seu próprio. Olhai romanos, eu, mesmo que seja vilão para conhecer quem está certo no que tem ou quem é tirano no que possui, esta regra tenho: tudo o que os maus com a sua tirania juntarem em muitos dias de eles seja removido pelos deuses em um dia, e de outra forma, tudo de bom em muitos anos perdidos seja estornado pelos deuses em uma hora. Acreditem numa coisa, e não duvidem dela, que depois da injusta ganancia dos pais vem logo a justa perda nas crianças, e se os deuses não removerem os maus caras tudo o que ganharem mais tarde com a mesma rapidez como a ganharam, é por isso que dissimulando juntem pouco a pouco muitas coisas, e então, quando eles estão mais desavisados lhes sejam retiradas todas as coisas juntas. E este é somente o juízo dos deuses, pois eles fizeram ruindade a muitos, tem que existir alguém que faça mal para eles. (...) há de fazer assim, romanos. Antes, a terra tomada por força deve ser muito melhor governada, porque os prisioneiros miseráveis, percebendo que a justiça é administrada de modo reto, esquecerão a tirania passada e acostumarão seus corações à servidão perpétua. (GUEVARA, 1994, C.XXI)

Durante o período da ilustração, o imperativo era a razão, a razão calculada e comprovada que deixava pouco espaço para o sonho ou para a fantasia e por tanto para a projeção da nossa utopia. Contudo, nunca existiu e nunca há de existir um momento na existência da humanidade em que o homem deixe de sonhar com um mundo melhor, uma idealização de uma vida que supere os traumas do passado e apresente uma reformulação da sua própria existência auspiciada pelo ideal do progresso. O século das luzes não seria diferente.

A revolução que significou o pensamento ilustrado não somente lançou a sua proposta de revisão dos denominados dogmas, senão que partindo de um exame prático apresentou novas ideias sobre aspectos como a educação, a falsa religiosidade produto da ignorância e principalmente a necessidade de avançar no conhecimento. Este último empreendimento provocou uma febre viageira que se traduz em um sem-fim de expedições científicas que deram a volta no planeta procurando conhecimento em áreas tão diversas como a biologia, a matemática ou as relações sociais, entre outras. Essas últimas tentavam subjugar o obscurantismo do passado e a injustiça de uma pirâmide social que se tinha mantido quase imutável por séculos a fio. Se o humanismo tinha se preocupado com a dignidade do homem, os direitos do individuo de um modo quase proféticos da mão de pensadores como Thomas More e a sua Utopia, o século XVIII com os seus livres-pensadores vão trazer uma renovada visão sobre a condição humana.

Em 1719 Daniel Defoe publica *Robson Crusoe* e antecipa, por meio da literatura, as teorias do bom selvagem de Jean Jacques Rousseau e desenha através da relação entre o protagonista e do personagem de Sexta feira e do entorno natural o esboço de uma civilização exemplar que se afasta dos padrões ocidentais de vício e corrupção. A mente do naufrago enxerga nesse entorno um possível projeto de convivência de um modo diferente. Uma vivencia com outros valores morais e que permite, como já foi constatado em obras anteriores como a própria *Utopia de More*, a comparação entre duas visões de mundo que leva o leitor a pensar na sua própria utopia, independente de que a obra seja ou não considerada dentro do gênero.

Pasé todo el día reconociendo humilde y agradecido las muchas y prodigiosas mercedes con las que me había visto favorecido en mi solitaria situación, y las cuales ésta habría sido infinitamente peor. Humildemente y con todo mi corazón agradecí que me hubiera revelado que incluso era posible más feliz en esa situación solitaria de lo que hubiera sido en medio de la sociedad y de todos los placeres del mundo, que Él supliera plenamente las deficiencias de mi soledad y la falta de compañía humana con su presencia, comunicando su gracia a mi alma, sosteniéndome, confortándome y alentándome a confiar aquí en su providencia, a esperar su eterna presencia en el notro mundo, (DEFOE. 2002, p.115)

Defoe projeta um mundo, na solidão do naufrago, confortado pela imagem de um deus misericordioso que com a sua providencia ajuda a Robson a passar os dias e lhe fornece o sustento matéria e espiritual que lhe permitem sobreviver nessa situação inicialmente considerada hostil. Essa imagem de uma deidade superior imaginada como elemento tranquilizador dialoga perfeitamente com outros dos autores que visitaremos posteriormente: Miguel de Unamuno. Porém, não é o nosso objetivo abordar textos de autores fora do contexto hispânico, mesmo que sejam tão proveitosos como o é o texto de Defoe, o nosso estudo centra-se nas criações espanholas e a ilustração na península ibérica tem suas próprias obras literário dentro desse objetivo que nós temos proposto: a utopia sem utopia.

A Espanha ilustrada também nos legou uma importante contribuição cultural quando nos referimos às expedições científicas; o contato com outras sociedades, principalmente nas suas colônias ultramarinas a permitiu enxergar novos modos de vida e novas formas de governo que ajudaram a contrastar, tal e como o tinha feito muitos outros autores previamente, e por meio desse contraste, projetar as vezes de forma implícita e outras de modo explícito uma sociedade ideal numa época no qual o enfrentamento entre o Novo e o Velho mundo se enfrentava pela independência das suas colônias americanas. Expedições como a de Alejandro Malaspina que, ao mesmo tempo em que recorriam grande parte do território americana, questionava os usos e costumes do velho continente. Registro de essas viagens científicas são os inúmeros diários, cartas e informes que compõem o rico acervo da nossa história natural

moderna. Textos que dão conta do interesse pelo revisionismo crítico a que a história e principalmente as relações humanas serão submetidas durante este período. Os livres-pensadores que protagonizaram o ideário ilustrado submeterão a revisão crítica muitos dos velhos dogmas e crenças anteriores.

Con demasiada frecuencia ha planeado de forma continua la imagen de nuestros ilustrados como apegados meramente al carácter utilitario y práctico. Pero la realidad es más compleja y puede demostrarse que en la ilustración española utopía y realidad no son dos polos opuestos, sino complementarios. Así, España no es ajena al profundo utopismo que caracteriza a la Ilustración europea. Junto a las utopías explícitas, hay un fondo de utopismo que recorre a todos nuestros ilustrados. (...) En Jovellanos, utopía y reformismo se complementan y se funden. Se trata de hacer asumible lo imposible en la posible, lo ideal en lo real. Utopía y reformismo como dos caras de una misma moneda: la creencia en la idea de progreso indefinido. Estamos ante el reformismo como utopía, aunque esto requiere que hagamos algunas precisiones. (SANZ, 1996, p.25)

De todo esse corpus textual, que conforma o pensamento ilustrado na Espanha, se escolheu um dos mais importantes intelectuais do período: Gaspar Melchor de Jovellanos. Convencido de que somente por meio da educação uma sociedade poderia se transformar e evoluir centrou toda a sua atenção na instrução pública como uma forma de vencer a ignorância, princípio, segundo ele de todos os males.

«Nadie más inclinado a restaurar y afirmar y mejorar. Acaso éste es ya un achaque de mi vejez. Desconfío mucho de las teorías políticas y más de las abstractas. Creo que cada nación tiene su carácter; que éste es el resultado de sus antiguas instituciones; que si con ellas se altera, con ellas se repara; que otros tiempos no piden precisamente otras instituciones, sino una modificación de las antiguas; que lo que importa es perfeccionar la educación y mejorar la instrucción pública; con ella no habrá preocupación que no caiga, error que no desaparezca, mejora que no se facilite. En conclusión: una nación nada necesita, sino el derecho de juntarse y hablar. Si es instruida, su libertad puede ganar siempre; perder, nunca». (Jovellanos Apud LLORÉNS, 1961, p.274)

A irrupção do Romantismo significa para Espanha, como previamente foi o Humanismo ou as ideias ilustradas do período anterior, a chegada à península ibérica de um ideário importado que mais uma vez bateria de frente com o caráter tradicionalista e conservador da elite intelectual hispana. O sonho de liberdade que se respirava no velho mundo, propiciado pelos ecos revolucionários vindos da Inglaterra e da França, alcançavam todos os cantos da Europa e como já observamos previamente, as costas do império colonial ultramarino, do norte ao sul do continente.

Esses ideais libertários projetavam mais uma vez o anseio por uma sociedade mais justa, menos gananciosa e principalmente mais solidaria. Mais uma vez a utopia se deixava

entrevier nas entrelinhas do pensamento humano e a literatura novamente seria um dos canais mais importantes para a sua transmissão.

Jose de Espronceda, o nosso autor escolhido, vive de perto e respira frugalmente esses novos ares revolucionários que se vivem no continente europeu. A sua breve existência de trinta e quatro anos não lhe impediu viver com intensidade os cruciais momentos históricos que marcaram a primeira metade do século XIX na Europa. Desterrado por causa das suas ideais liberais, o autor passa por diferentes países europeus como Portugal, França ou Inglaterra, esses países acolhem o jovem poeta que se deixa deslumbrar pelos ideais libertários que sonham com um novo regime. O convívio tão próximo com o ideário liberal se impregnou fortemente em algumas das suas criações literárias que por meio da fuga, da idealização de espaços imaginados e valores renovados, projeta a sua particular utopia, metaforizada na nossa escolha, pela idealização de um pirata transgressor das normas sociais num metaforizado mar infinito que permite ao protagonista do poema projetar seu particular mundo ideal. Um mundo no qual não seja preciso batalhar por umas terras, pois desapareceriam as fronteiras e as leis que as definem, no qual não exista mais a escravatura que impede a plena liberdade do homem e diante de um mundo tumultuado ele pode dormir tranquilo.

- "Navega velero mío,
sin temor,
que ni enemigo navío,
ni tormenta, ni bonanza,
tu rumbo a torcer alcanza,
ni a sujetar tu valor.
(...)
Allá muevan feroz guerra
ciegos reyes
por un palmo más de tierra,
que yo tengo aquí por mío
cuanto abarca el mar bravío,
a quien nadie puso leyes.
(...)
sólo quiero
por riqueza
la belleza
sin rival.
(...)
¡Sentenciado estoy a muerte!
(...) ¿qué es la vida?
Por perdida
ya la di,
cuando el yugo
del esclavo
como un bravo
sacudí.
(...)
al son violento,
y del viento

al rebramar,
yo me duermo
sosegado
arrullado
por el mar.

(ESPRONCEDA. 1954, p.21)

A geração finissecular também conhecida como Geração de 98 aprofundará na essência do povo em um estudo, como o denominou o filósofo e escritor Miguel de Unamuno, da *intrahistoria*. Uma história revisitada desde as suas raízes, na procura de soluções acudindo a essa essencialidade do ser humano que vai além das fronteiras geográficas de um determinado país e que encontra alternativas, tanto na cultura e na religiosidade popular numa radiografia de caráter telúrico, para um mundo melhor.

O autor escolhido para finalizar o nosso recorrido pela literatura espanhola e o seu velado e revelado utopismo é o já previamente citado Miguel de Unamuno. No seu romance *San Manuel mártir*, publicado no significativo ano de 1931 em que Espanha proclama a sua segunda república y provoca na católica, apostólica e romana população uma convulsão nervosa que reavivara um despertar laico que vai questionar o tradicionalismo religioso do país com as suas grandiloquentes demonstrações de fé e principalmente de força. Unamuno, a pesar de ter recebido uma sólida formação crista na sua infância e juventude perde a fé, como ele mesmo declara, depois de ler os filósofos irracionistas do final do século XIX. Autores como Kierkegaard ou Feuerbach provocam no pensador uma atitude de desencanto com a religião e uma crise espiritual que se revertera nas suas obras através de seus personagens.

No livro escolhido, Unamuno nos aproxima a figura de Dom Manuel, um pároco de uma cidadezinha interiorana espanhola que vive apegada as suas tradições religiosas e enxerga na figura do singelo padre o nexo entre o criador e eles. O religioso representa uma referência obrigatória em assuntos tanto de índole sagrada como muitas vezes de caráter profano. Dom Manuel, a pesar dessa imagem santificada que é idealizada por seus paroquianos sofre um difícil dilema, que o autor do romance nos revela através da fala de um dos personagens da obra:

Y no me olvidaré jamás del día en que diciéndole yo: «Pero, Don Manuel, la verdad, la verdad ante todo», él, temblando, me susurró al oído -y eso que estábamos solos en medio del campo-: «¿La verdad? La verdad, Lázaro, es acaso algo terrible, algo intolerable, algo mortal; la gente sencilla no podría vivir con ella». (...) ¿Religión verdadera? Todas las religiones son verdaderas en cuanto hacen vivir espiritualmente a los pueblos que las profesan, en cuanto les consuelan de haber tenido que nacer para morir, y para cada pueblo la religión más verdadera es la suya, la que le ha hecho. ¿Y la mía? La mía es consolarme en consolar a los demás, aunque el consuelo que les doy no sea el mío». Jamás olvidaré estas sus palabras. (Unamuno, 1984, p.43)

O dilema de Dom Manuel, a ideia de uma religião que só serve como elemento consolador diante da grande dúvida que é a nossa própria existência, nos remete como já foi observado anteriormente ao ideário dos filósofos irracionaisistas como Feuerbach, quem defendia a inversão da tradicional ideia da criação divina do homem pela ideia da criação humana desse ser superior que chamamos de Deus. Desse modo, na figura do criador se materializa a nossa própria inteligência e podemos assim projetar ele como o nosso próprio álter-ego, uma idealização necessária para nos dar sossego diante do nosso inevitável destino.

Nos sete séculos recorridos ao longo das páginas anteriores temos observado a projeção subliminar feita por diferentes escritores de um mundo melhor, autores que desenharam ao longo das suas páginas a idealização de diferentes ingredientes que deveriam fazer parte da receita que conformasse a nossa sociedade, aspectos como a equidade, a liberdade, a religião observada como um elemento de harmonia e sossego e não como um incentivo para o ódio e a violência. Contudo, apesar desses desejos ganharem matizes utópicos os autores que reunimos nesta reflexão, a exceção de Thomas More e Daniel Defoe, não conformam e seguramente nunca conformaram o conjunto de obras do gênero utópico. E essa constatação nos serve para reforçar o argumento, que com o apoio do pensamento dos críticos que apresentamos ao longo destas páginas, de que cabe o papel de enxergar o mundo numa visão às vezes quixotesca e deslocada e a partir desse esdrúxulo panorama projetar alternativas que nos permitam sonhar, que nos permitam seguir em frente e ter esperança, mesmo que essa esperança seja às vezes muito difícil de alcançar.

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. (Fernando Birri)

Referências:

ALFONSO X El Sabio. *Prosa histórica*. Edição de Benito Brancaforte. Madrid: Ed. Castália, 1999.

ALIQUE, F.J. Rojo. *Intelectuales franciscanos e monarquía en la Castilla medieval*. *Revista digital Sémata*, vol.26, p.297-318. 2014. ISSN 2255-5978.
<http://www.usc.es/revistas/index.php/semata/article/view/1791> Acesso em 27 de julho de 2017.

BENNASSAR, B. Santa Teresa y su época. *Cuadernos de Historia*, 16. Vol. 110. Madrid: Ed. Historia 16, 1985.

CORTÁZAR, J. (Entrevista). *DVD Grandes personajes a fondo*. España: Gran vía musical, 2004.

- DARÍO, R. *Prosas profanas y otros poemas de Rubén Darío*. Madrid. Ed. Castalia, 1983.
- DEFOE, D. *Las aventuras de Robinson Crusoe*. Madrid: Ediciones del barco, 2002.
- ESPRONCEDA, J.de. *Obras completas de José de Espronceda*. Madrid: Ed. Atlas, 1954.
- GUEVARA A. *Libro áureo de Marco Aurelio (1528)*. Madrid: Biblioteca Castro de la Fundación José Antonio de Castro, 1994. Edição digital disponível em: <http://www.filosofia.org/cla/gue/guemaar.htm> Acesso em 27 de julho de 2017.
- GUEVARA A. de. *Menosprecio de corte y alabanza de aldea*. Edição digital disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/131878.pdf> Acesso em 27 de julho de 2017.
- LLORENS, V. *Jovellanos y Blanco en torno al semanario patriótico de 1809. Nueva Revista de Filología Hispánica*. Año 15, No. 1/2 (Jan. - Jun., 1961), pp. 262-278
Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40297528?seq=1#page_scan_tab_contents
Acesso em 27 de julho de 2017.
- LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MORE, T. *Utopia*. Trad.: Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004
- PESSOA, F. *Obras em prosa*. Organização, introdução e notas de. Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1982.
- REDONDO, F. Gomez. *Historia de la prosa medieval castellana*. Vol.1 Madrid: Ed. Castália, 1998.
- SANZ, A. F. La utopía solucionista de Jovellanos. *Revista digital el Basilisco*, nº 21, p.25-27,1996. Disponível em: <http://filosofia.org/rev/bas/bas22110.htm> Acesso em 27 de julho de 2017.
- UNAMUNO, Miguel de. *San Manuel Bueno Mártir y tres historias más*. Madrid: Col. Austral, Espasa Calpe, 1984.
- UTOPIÁ. *Diccionario online de la Real Academia Española*. Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=bCnqw2G> Acesso em 27 de julho de 2017.
- XINGJIAN, Gao. Ideologia e literatura. *O Estado de S.Paulo*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ideologia-e-literatura-imp-,754863> Acesso em 27 de julho de 2017.

Recebido em 24/06/2017

Aceito para publicação em 07/12/2017